

"Rio Cidade Olímpica" e a construção de uma (nova) imagem para a Zona Portuária do Rio de Janeiro

Ana Beatriz da Rocha, Paulo Reis

Ana Beatriz da Rocha é PhD in Architectural Design, Theory and Criticism; professora da ESDI/ UERJ e pesquisadora do PROURB/ FAU/ UFRJ; tiz.darocha@gmail.com

Paulo Reis é DSc em Engenharia Civil; professor do MPGEC/ ES-PM-Rio e pesquisador da Agência UFRJ de Inovação; pauloreis@espm.br / paulo@inovacao.ufrj.br

Resumo

Como parte das políticas neoliberais vigentes desde 1990, onde "cultura" tem sido um importante elemento nos processos de regeneração urbana, políticos e investidores vêm adotando amplamente o discurso de como a transformação (física e simbólica) de áreas (centrais, litorâneas e/ou portuárias) degradadas e a criação de novas identidades para as cidades impulsionam um novo ciclo de investimentos/especulação – que, eventualmente, levaria à prosperidade econômica. Aliadas à inserção de arquiteturas espetaculares, estas políticas de transformação urbana promovem uma completa ressignificação dos espaços públicos, que passam a ser identificados como "bens de consumo" (cultural), avidamente consumidos por um público cada vez maior e mais diversificado.

Seguindo esta lógica, grandes projetos de regeneração urbana vêm sendo comissionados, desenvolvidos e implementados com o intuito de não só "consertar" políticas urbanas ineficientes mas, principalmente, de reverter o processo de declínio socioeconômico visto em cidades pós-industriais – sobretudo as litorâneas. Um dos principais aspectos deste fenômeno é a (re)invenção das cidades através do (re)desenho de suas áreas vazias, onde novas arquiteturas (espetaculares) e a ressignificação dos espaços públicos degradados visam alterar a imagem do lugar. Estes "novos" espaços reconfigurados passam a atrair um novo público e, conseqüentemente, inicia-se um novo ciclo de circulação de capital. De forma a impulsionar o consumo destes "novos" lugares, surge uma série de rótulos como "capital cultural", "cidade criativa", "cidade inteligente", etc... que passam a ser bastante disputados, gerando uma grande competitividade entre as cidades.

Mas estes processos de reinvenção não são impunes – particularmente se considerarmos como padrões culturais existentes são manipulados de forma a promover uma "nova" identidade para as cidades. E é isso que torna interessante o processo de transformação que vem acontecendo na Zona Portuária do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: cultura, cidade, identidade

Abstract

As part of the neoliberal politics seen since the 1900s, where "culture" has been an important element in urban regeneration processes, politicians and investors alike are largely adopting the discourse of how the (physical and symbolic) transformation of (central, coastal and/or port) derelict areas and the creation of new identities for cities trigger a new cycle of investments/ speculation – which, eventually, would lead to economic prosperity. Alongside the insertion of spectacular architectures, these urban policies promote a complete re-signification of public spaces, then

identified as "(cultural) commodities" and avidly consumed by an increasingly large and diversified public.

According to this logic, large urban regeneration schemes have been commissioned, developed and implemented not only to "amend" inefficient urban policies but, foremost to revert the process of socio-economic decline seen in post-industrial cities – particularly the coastal ones. One of the main aspects of this phenomenon is the (re)invention of cities through the (re)design of their wastelands, where new (spectacular) architectures and the reconfiguration of derelict public spaces aim to alter the image of the place. These "new" reconfigured spaces would then attract a new public and, consequentially, a new influx of capital. In order to promote the consumption of these "new" places, a series of labels such as "creative city", "cultural capital", "smart city" etc. emerges, leading to a fierce competition amongst cities.

But these processes of reinvention do not happen without serious consequences – particularly considering how existing cultural patterns are either subdued or enhanced to promote cities' new identities. And this is precisely what makes the process of transformation of Rio de Janeiro's port area quite interesting

Keywords: culture, city, identity

Resumen

Como parte de las políticas neoliberales en vigor desde 1990, en que la "cultura" ha sido un elemento importante en los procesos de regeneración urbana, los políticos y los inversores han de adoptar ampliamente el discurso de como la transformación (física y simbólica) de las áreas (central, costera y/o portuarias) degradadas y la creación de nuevas identidades para las ciudades llevan un nuevo ciclo de inversión/ especulación – que, finalmente, conducirá a la prosperidad económica. Junto con la inserción de una arquitectura espectacular, las políticas de transformación urbana promueven una redefinición completa de los espacios públicos, que han pasado a ser identificados como "bienes de consumo" (culturales), consumidos por in público cada vez más amplio y diverso.

Siguiendo esta lógica, los grandes proyectos de regeneración urbana se has encargado, desarrollado e implementado con el fin de no sólo arreglar las políticas urbanas ineficaces pero sobre todo para revertir el proceso de deterioro socioeconómico visto en las ciudades postindustriales – en su mayoría costera. Un aspecto clave de este fenómeno es la (re)invención de las ciudades a través de lo (re)diseño de las zonas vacías, donde las nuevas arquitecturas (espectaculares) y la reformulación de los espacios públicos degradados tienen como objetivo cambiar la imagen del lugar. Estos "nuevos" espacios reconfigurados están atrayendo a un público nuevo y por lo tanto se inicia un nuevo ciclo de circulación de capital. Con el fin de aumentar el consumo de estos "nuevos" lugares, una serie de etiquetas aparece como "capital cultural", "ciudad creativa", "ciudad inteligente", etc. que se convierten en bastante jugado, lo que genera una gran competencia entre las ciudades.

Sin embargo, estos procesos no están reinventando la impunidad – especialmente teniendo en cuenta cómo los patrones culturales existentes son manipulados con el fin de promover una "nueva" identidad de las ciudades. Y eso es lo que lo hace interesante el proceso de transformación que ha estado sucediendo en la zona portuaria de Rio de Janeiro.

Palabras-clave: cultura, ciudad, identidad



Introdução

Os anos 1990 foram ricos em termos de propostas e processos de regeneração urbana que focavam no uso da "cultura" como principal agente transformador de áreas degradadas. Aliados a fenômenos como a implementação de políticas culturais mais sólidas, o crescimento do turismo (cultural) de massa e a presença de um ambiente socioeconômico favorável, projetos de grande escala contribuíram para uma completa renovação e/ou "revitalização" de áreas que passaram por processos de reestruturação urbana ineficientes e/ou sofreram as consequências (físicas, econômicas e sociais) do esvaziamento de antigas zonas centrais, históricas, industriais e/ou portuárias. Cidades pós-industriais como Londres e Manchester, no Reino Unido; Barcelona e Bilbao, na Espanha; além de Gênova, Rotterdam e Paris, dentre muitas outras, são exemplos deste processo de transformação de áreas urbanas degradadas e de "reinvenção" de suas identidades como "capitais culturais". Segundo Harvey (1989), um dos aspectos mais evidentes destes processos "regeneradores" é justamente a (re)invenção de novas identidades e a criação de novas imagens para estas áreas degradadas, onde arquiteturas espetaculares, a reconfiguração espacial e novos usos do conjunto edificado atuam como fatores preponderantes para atrair as "pessoas certas", criando um novo circuito de capital – algo que certamente contribui para uma acirrada competição entre as cidades.

Evidentemente que este processo de transformações (físicas e simbólicas) leva a um outro, mais fortemente calcado nas possibilidades econômicas/especulativas do que necessariamente nas potencialidades históricas e/ou culturais do lugar. Neste sentido, a maioria dos projetos de regeneração urbana propostos (e impostos) tende a seguir uma "fórmula", que aposta na espetacularidade das arquiteturas, na diversidade/quantidade dos eventos/produtos (culturais) e na atratividade (visual) dos espaços revitalizados, contribuindo para o incremento do turismo. Similarmente, a adoção de usos, formas e funções contemporâneas contribuem para promover áreas antes degradadas como "novos" polos de cultura e de entretenimento. Portanto, investir em empreendimentos (culturais) bilionários, em infraestrutura e em reestruturação urbana se tornaria uma prática comum – que, aliada ao processo de gentrificação, impulsiona um ciclo de investimento/especulação nestes espaços urbanos "revitalizados" (Zukin, 1990).

Com a crise mundial em 2008, esta "fórmula" sofreria mudanças significativas, pois subsídios (sobretudo financeiros) para sustentar esta constante oferta/consumo de produtos culturais tornaram-se mais escassos. Ou seja: depender apenas de cultura e da constante produção/consumo de produtos culturais, ou criar (novos) equipamentos culturais espetaculares cuja principal função é incluir cidades no panorama (cultural) internacional não garante a sobrevivência destas políticas regeneradoras. Mesmo considerando o processo de gentrificação, de especulação imobiliária e o aumento na atividade turística, tais políticas tiveram que se ajustar à nova realidade. Assim, um novo "modelo" de regeneração urbana surge, fortemente calcado na promoção e realização de mega-eventos: a disputa é para sediar estes eventos e com isso "reinventar" as cidades de acordo com exigências específicas – como foi o caso da experiência em Barcelona, com as Olimpíadas em 1992.

E é isto que torna interessante o caso da transformação do Rio de Janeiro em "Cidade Olímpica" e de sua zona portuária em "Porto Maravilha".

Rio de Janeiro e suas múltiplas identidades

Rio "Cidade Maravilhosa" – as praias, as modas, as tribos¹

Falar do Rio de Janeiro e não citar as suas praias é quase uma heresia – afinal, a cidade é mundialmente famosa pelas referências às celebrações e competições esportivas nas areias de Copacabana, pela "Garota de Ipanema", pelos "meninos do Rio" e a "geração saúde" da praia do Pepê, e pela menção aos surfistas da geração "Brazilian/Favela storm". A cultura peculiar, o modo de vida e as belezas naturais consolidaram o status da cidade como um roteiro exótico, festivo e ensolarado – além de, claro, contribuir para o turismo. Com cerca de 80km, a orla da cidade é formada por várias praias que têm uma relação "simbiótica" com seu público, composto por pessoas de perfis e faixas etárias diversas, que criam "códigos" específicos e diferenciam uma praia da outra. Estes "códigos", por sua vez, representam a cultura da cidade, criando uma imagem característica do modo de vida dos cariocas. Neste sentido, as praias da Zona Sul – particularmente a faixa que compreende Copacabana, Ipanema e Leblon – são as que, talvez, melhor representem estes microcosmos diferenciados, essas diversas faces da cultura da cidade.

¹ Este tema foi discutido anteriormente em DA ROCHA, A. B.; REIS, P. The gentrified version of the Bossa-Nova dream – the process of change of the beach environment in Rio de Janeiro in: *Resorting to the Coast: Tourism, Heritage and Cultures of the Seaside. Proceedings*. Leeds Metropolitan University, Centre for Tourism and Cultural Change, UK, 2009

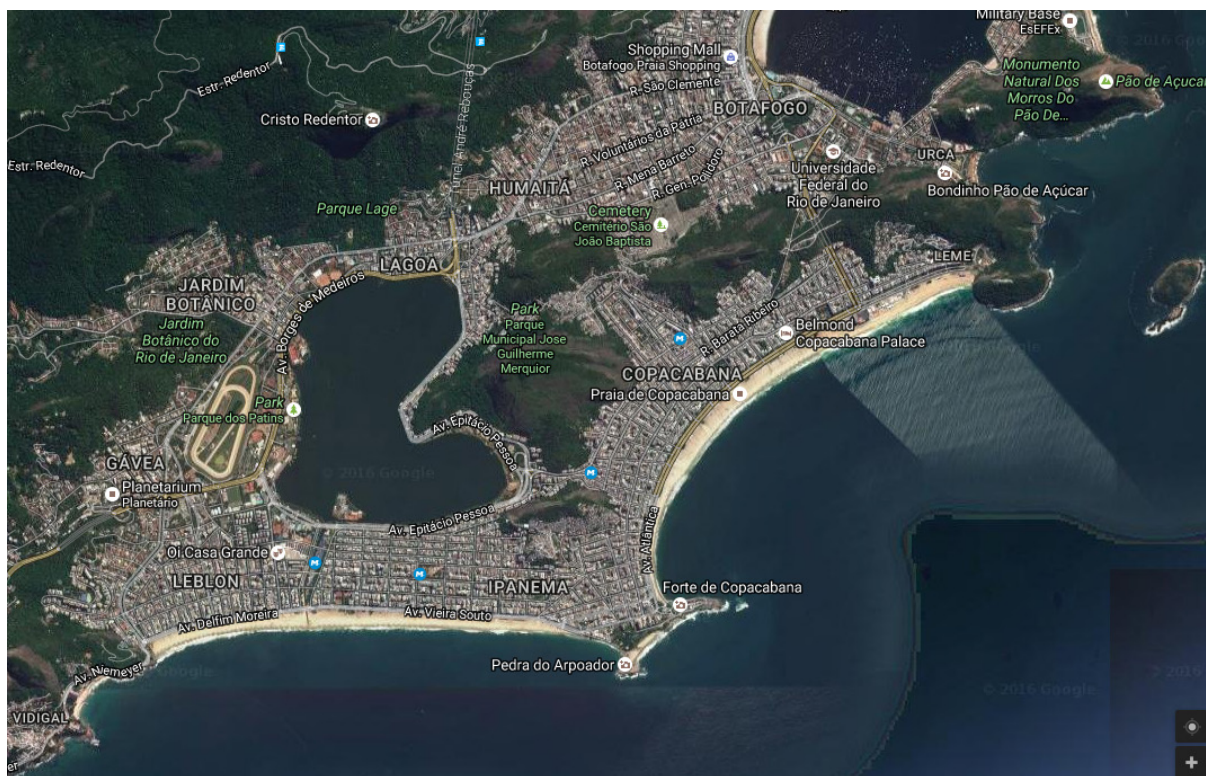


Figura 01

Faixa de areia que compreende microcosmos distintos.

Fonte: <https://www.google.com.br/maps/place/Rio+de+Janeiro,+State+of+Rio+de+Janeiro/@-22.971929,-43.2168469,7258m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0x9bde559108a05b:0x50dc426c672fd24e!8m2!3d-22.9068467!4d-43.1728965>

Embora "tribos" e microcosmos distintos existam em outros lugares, talvez o que diferencie as praias cariocas das outras seja o atual envolvimento da população na conformação de uma identidade local particular. Ainda que a lógica do lucro e da indústria do turismo venha alterando gradualmente as identidades originais, no Rio de Janeiro estas transformações acontecem, majoritariamente, pela agência de atores e fatores locais. Entretanto, devido a realização de uma série de mega-eventos, a cidade e o modo de vida dos cariocas passaram a ter uma projeção internacional muito mais ampla e, de certa forma, idealizada. Ou seja: se por um lado existe uma preocupação, por parte dos cariocas, em preservar, consolidar e divulgar suas crenças, tradições e ritos diversos, por outro existe uma crescente afirmação, por parte dos políticos e da mídia, de que é preciso projetar e/ou materializar a imagem da cidade como "cosmopolita", "criativa", "olímpica". Evidentemente, este projeto de cidade, esta materialização de expectativas perpassam as questões de transformação (física e simbólica) do espaço urbano – e a orla da Zona Sul da cidade não poderia ficar impune à esta mudança de identidade.

Um dos primeiros momentos de transformação foi ainda na década de 1970, quando o alargamento dos cal-

çadões (projeto de Burle Marx) e redesenho da Avenida Atlântica, em Copacabana, assim como a provisão de trailers (que gradualmente substituíram as barracas e carrinhos ambulantes) criaram uma nova (e mais estática) identidade visual para a orla carioca. Porém, seria nos anos 1990 que este microcosmo teria suas características modificadas substancialmente: a Prefeitura do Rio de Janeiro decidiu implementar os primeiros quiosques nas praias da Zona Sul e da Zona Oeste, de Copacabana ao Recreio dos Bandeirantes, o que afetaria o jeito informal que caracterizava o comércio local.



Figuras 02-03
Modificações no microcosmo: novos quiosques (anos 2000)
Fonte: os autores



Figuras 04 a 06
 Permanências no microcosmo: vendedores ambulantes (anos 2000)
 Fonte: os autores

Nos anos 2000, estes quiosques sofreriam uma completa renovação de caráter, sendo suplantados por uma versão bem mais “gentrificada”, “enobrecida”. Projetados pelo escritório carioca de design Índio da Costa, os novos quiosques se propuseram a melhorar não somente a organização espacial dos calçadões mas, sobretudo, a criar uma nova identidade visual para a orla. Estes melhoramentos (reestruturação do ambiente, melhores serviços e equipamentos, como sanitários públicos e a maior capacidade de estoque) foram planejados tendo em mente o potencial turístico de tais intervenções – e, claro, direcionado a uma clientela mais cosmopolita.



Figura 07
 Novas modificações no microcosmo: novos quiosques “gentrificados” (2005)
 Fonte: os autores



Figura 08

Novas modificações no microcosmo: novos quiosques "gentrificados" (2005)

Fonte: os autores

A previsão era implementar os quiosques em toda a orla das Zonas Sul e Oeste. Entretanto, como parte de uma estratégia de "mudança de imagem" da cidade, a Prefeitura do Rio de Janeiro, via Departamento de Planejamento Urbano, decidiu que a intervenção na identidade da orla carioca deveria começar pela praia de Copacabana². A inauguração dos novos quiosques, em 2005, foi parte de uma política de regeneração urbana extensiva, implementada desde os anos 1990³, e que pretendia preparar a cidade para receber eventos de grande projeção como os Jogos Pan-Americanos, em 2007, a Copa do Mundo FIFA, em 2014, e as Olimpíadas, em 2016 – e que caracterizaria a inclusão do Rio de Janeiro no grupo exclusivo de cidades que sofreram transformações urbanas massivas em nome da "modernização" de seus perfis. O processo de implementação dos quiosques ainda está em andamento e novos equipamentos foram instalados nas praias de Ipanema e Leblon dias antes do início das Olimpíadas no Rio, em agosto de 2016.

Rio "Cidade Olímpica" e as transformações urbanas na Zona Portuária – o projeto "Porto Maravilha"⁴

Inicialmente, a Zona Portuária não fazia parte dos planos olímpicos para 2016. Entretanto, a oportunidade de atrair investimentos para uma área largamente negligenciada pelas políticas públicas levou a Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro a anunciar a construção do Centro de Mídia e Árbitros na região. Ainda que a

² Desde os anos 1920, com a inauguração do hotel Copacabana Palace, de frente para o mar, Copacabana vem sendo associada a uma certa mistura irresistível de exotismo, cosmopolitismo, glamour e decadência. Atualmente, concertos de música erudita, shows pop, festivais de filme ao ar livre e competições esportivas (notoriamente o vôlei de praia e o futebol de areia) fazem parte do "calendário" de Copacabana. Certamente, o evento mais famoso é o Réveillon na praia de Copacabana que, junto com o Carnaval, são os maiores eventos turísticos da cidade, atraindo milhões de visitantes todos os anos.

³ Estas políticas de regeneração urbana foram propostas, desenvolvidas e implementadas, em sua maioria, durante as gestões dos Prefeitos Cesar Maia (entre 1993-1997, 2001-2004 e 2005-2008) e Luiz Paulo Conde (entre 1997-2001). Projetos como Rio Cidade, Favela-Bairro, Plano de Recuperação e Revitalização da Região Portuária do Rio de Janeiro, dentre outros, visavam a reconfiguração de espaços urbanos – e não necessariamente a "turistificação" destas áreas. Entretanto, algumas destas intervenções aconteceram em locais turísticos, como o Rio Cidade Copacabana, Ipanema e Leblon, por exemplo. Já outras áreas se tornaram pontos turísticos após o projeto Favela-Bairro, como os Morros da Providência (Gamboa), Vidigal (São Conrado), Pavão-Pavãozinho (Copacabana) e Cantagalo (Ipanema), e após melhorias urbanas em morros como o Dona Marta (Botafogo) e Rocinha (São Conrado), e em lugares históricos como a Lapa e a Praça XV. Tais políticas urbanas foram desenvolvidas de acordo com o que estava acontecendo na época em cidades como Barcelona e Porto, seguindo a ideia de se focar em projetos de grande prestígio (na mídia) que poderiam atrair investimentos.

Sobre Favela Bairro ver *Programa Favela-Bairro*. Secretaria Municipal de Habitação/ IplanRio. Rio de Janeiro: PCRJ, maio 1996.

Sobre Rio Cidade ver *Plano Estratégico da Cidade do Rio de Janeiro, Rio Sempre Rio*. Rio de Janeiro: PCRJ/ACRJ/ FIRJAN, 1996.

Sobre intervenções em áreas históricas ver Porto do Rio: *Plano de Recuperação e Revitalização da Região Portuária do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos, 2001.

⁴ Este tema foi discutido anteriormente em DA ROCHA A. B.; REIS, P. Culture as a mega-event – how do heritage and local identity fit in the cosmopolitan image of the city? in: COOPER, F.; GREENE, M.; MACHADO, D. P.; SCHEERLINCK, K.; SCHOOLJANS, Y. *ADU2020 Creative Adjacencies*. Ghent: Faculty of Architecture KU Leuven; Facultad de Arquitectura, Diseño y Estudios Urbanos, PUC-Chile, 2014, pp. 285-295

⁵ Na verdade, estas instalações foram transferidas para próximo do Parque Olímpico, na Barra da Tijuca, na Zona Oeste da cidade. Com esta mudança "operacional", todo o discurso de promover uma grande transformação física e simbólica da Zona Portuária, tendo como base a diversidade de usos, uma melhor distribuição dos equipamentos pela cidade e, sobretudo, a possibilidade de se atrair novos moradores para a área central da cidade pós-Olimpíadas acabou perdendo força.

⁶ A criação das APA-SAGAS resultou de uma reivindicação dos moradores locais para proteger o patrimônio histórico da região contra o processo de transformação da Zona Portuária em apenas um polo de comércio e serviços (http://www0.rio.rj.gov.br/patrimonio/pastas/legislacao/centro_dec_7351_88_sagas.pdf).

O Corredor Cultural é uma Lei Municipal que criou diretrizes para a preservação, reconstituição, renovação e revitalização de espaços construídos no centro histórico da cidade, incluindo Lapa, Cinelândia e o Passeio Público (http://www0.rio.rj.gov.br/patrimonio/pastas/legislacao/centro_lei506_84_corredor_cultural.pdf).

O Plano de Desenvolvimento Urbano do Porto do Rio de Janeiro incluiu projetos de revitalização e renovação da região da SAGAS (IPLANRIO. *Plano de Desenvolvimento Urbano da Retaguarda do Porto do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Planave S.A, 1989).

As APACs foram definidas no Plano Diretor da Cidade (1992), sendo uma consequência da implementação do Corredor Cultural. Inspiradas no modelo dos Secteurs Sauvageards de Paris, elas criaram uma grande área de proteção da morfologia e do valor cultural das edificações, inicialmente na região central da cidade (Praça Cruz Vermelha, Santa Teresa, Estácio, Rua do Lavradio/ Mem de Sá e adjacências), mas se estendendo à Copacabana, Urca, São Cristóvão, Laranjeiras etc.. (<http://www0.rio.rj.gov.br/patrimonio/apac.shtm>).

O Plano de Recuperação e Revitalização da Região Portuária do Rio de Janeiro (op cit., 2001) previa a reinserção (econômica, social, cultural e espacial) da zona portuária no tecido urbano da cidade.

viabilização destas instalações olímpicas no local tenha sido descartada por "questões operacionais" em meados de 2015⁵, a Zona Portuária tem sido considerada uma "área de interesse" para projetos de revitalização urbana desde os anos 1980. Vários estudos, propostas, projetos e ações foram apresentados ao longo dos anos com o intuito de se "regenerar", "requalificar" e "reconfigurar" uma vasta área que, de certa forma, vem passando por um processo de esvaziamento típico das economias pós-industriais. A criação de propostas como as Áreas de Proteção Ambiental nos bairros da Saúde, Gamboa e Santo Cristo (APA-SAGAS, 1988) – uma decorrência da implementação do projeto Corredor Cultural (1984) –; o Plano de Desenvolvimento Urbano do Porto do Rio de Janeiro (1989); o Plano de Estruturação Urbana da Zona Portuária (1992); as Áreas de Proteção do Ambiente Construído (APACs, 1992) e o Plano de Recuperação e Revitalização da Região Portuária do Rio de Janeiro (2001)⁶ foram não só gradualmente consolidando a ideia de se recuperar (em um sentido amplo da palavra) as potencialidades econômicas, sociais, culturais e históricas da área central do Rio de Janeiro, como também orientaram o caráter das propostas/investimentos na e para esta região.

Evidentemente que estas iniciativas foram importantes, pois estabeleceram parâmetros de intervenção no centro histórico da cidade, geralmente levando em consideração o rico patrimônio cultural edificado e seu entorno. Entretanto, seria no início dos anos 2000, com a proposta controversa de se erguer uma unidade do Museu Guggenheim no Rio de Janeiro, que a região ganharia maior destaque na mídia internacional. Tendo como referência o sucesso de público da unidade do museu Guggenheim em Bilbao, projeto de Frank Gehry, inaugurado em 1997, a proposta carioca, assinada por Jean Nouvel, previa a implementação de um "novo" modelo de regeneração urbana para a área: equipamentos culturais (sobretudo museus de arte) seriam propostos como elementos-âncora no processo de revitalização, servindo como catalizadores para transformação urbana e gentrificação.

Este "modelo" – cuja principal característica era a implementação de arquiteturas espetaculares, projetadas por arquitetos igualmente espetaculares, em lugares não tão espetaculares assim – deu a Bilbao uma projeção internacional comparável a cidades europeias como Paris, Londres, Barcelona, dentre outras. Portanto, apostar na "fórmula" cultura + regeneração urbana para se promover mundialmente como "cidade cultural" parecia ser uma excelente oportunidade para alavancar o tão sonhado "desenvolvimento" da região

portuária no Rio de Janeiro. Só não contavam com a forte oposição da sociedade.

Para muitos, o projeto simbolizava um grande desperdício de verbas públicas, ao invés de se investir o montante em melhorias na infraestrutura e reestruturação urbana de toda a Zona Portuária (Egler, 2005, pp: 12-17). Por outro lado, o argumento do apelo turístico do museu – e, conseqüentemente, de todo o processo de transformação física e simbólica da área – não parecia se sustentar pois, diferentemente de Bilbao, o Rio de Janeiro tinha, em condições precárias, diversos museus que estavam à espera de investimentos e que, juntos, poderiam contribuir efetivamente para o processo de revitalização do Centro.

No final do ano de 2002, a mídia carioca relatava que o Museu Guggenheim custaria 200 milhões de dólares, dos quais 10% apenas para poder usar a marca. Depois de uma intensa mobilização de artistas, políticos, jornalistas e da opinião pública em geral denunciando a inconsistência do projeto Guggenheim no Rio, em julho de 2003 noticiava-se que aquela fundação estava procurando outro lugar para seu museu, possivelmente Taiwan. (SANT'ANNA, 2003, p 144)

Há, ainda, a crítica à estas grandes instituições que, aliadas a um projeto de ressignificação e reconstrução das identidades das cidades, incentiva apenas o consumo da arte e do espaço público "regenerado" *per se*:

reconheçamos que seria sedutor ter aqui algo que se apresenta como parte do sistema artístico e cultural da [Fundação] Guggenheim. É atenuante pensar que no complexo a ser construído se pretendem criar lojas e formas de autofinanciamento. Mas sobre o montante de gastos, e mais, sobre o conteúdo do que se pretende colocar lá dentro, acharia melhor que a sociedade e não apenas um pequeno grupo de interessados fossem ouvidos, antes de se cometer um equivoco estético, econômico, social e histórico. (SANT'ANNA, 2003, p 144)

O que faltava, portanto, era algum evento de grande porte, de proporções enormes e de grande alcance na mídia para viabilizar o projeto de revitalização da Zona Portuária. Neste sentido, o projeto Porto Maravilha, anunciado em 2009 pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, tinha a intenção de "reinventar" este trecho da cidade como uma área de turismo e de entretenimento com propostas como: a provisão de novos equipamentos culturais como o Museu de Arte do Rio (Bernardes + Jacobsen Arquitetura, 2013) e o Museu do Amanhã (Santiago Calatrava, 2016), na Praça Mauá; as conversões de edifícios antigos, como os "novos" Aquário Municipal e o Armazém da Uto-

⁷ A emissão e venda destes certificados criam possibilidades de se investir e financiar operações urbanas que visam recuperar áreas degradadas – onde 3% do valor seria destinado à valorização do patrimônio material e imaterial da região. Na prática, contudo, os CEPACs são instrumentos de especulação imobiliária, alterando a legislação local vigente, criando novas normas específicas do uso do solo e parâmetros urbanísticos e ambientais, aumentando o gabarito (altura) das edificações, sobretudo as de uso corporativo, além de modificar substancialmente as características do entorno construído existente. (<http://portomaravilha.com.br/web/cepac/index.html>; <http://www.portomaravilha.com.br/web/esq/imprensa/curso/sergio.pdf>)

pia, na Gamboa; a construção de novos edifícios de uso corporativo (se valendo dos CEPACs – Certificados de Potencial Adicional de Construção)⁷; a provisão de melhorias na infraestrutura (com a abertura da via Binário do Porto, a implementação de VLTs e a demolição do Viaduto da Perimetral); e a completa reestruturação de usos, formas e funções de estruturas industriais e também do espaço urbano circundante.



Figuras 09 e 10
A “nova” Praça Mauá: Museu do Amanhã (acima)
Museu de Arte do Rio - MAR (ao lado)
Fonte: os autores

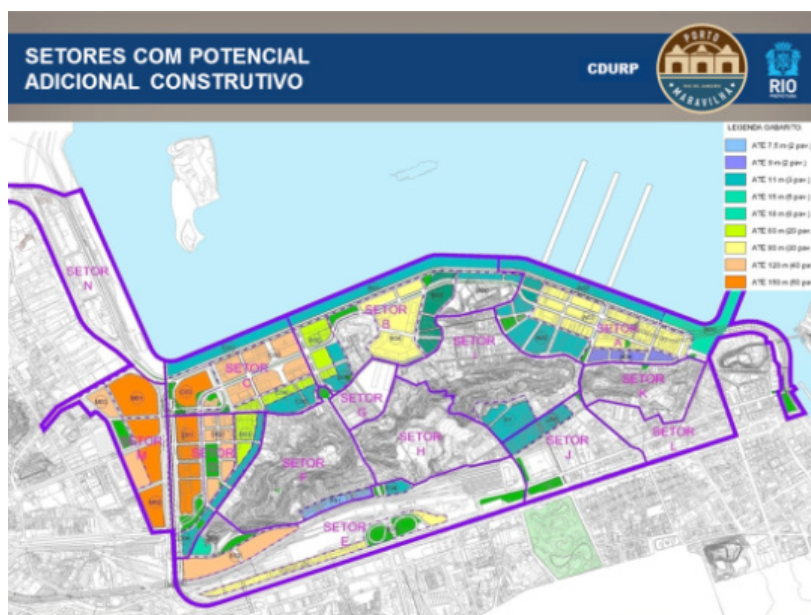


Figura 11
A “nova” Zona Portuária – área de intervenção do Porto Maravilha/ CEPACs
Fonte: <http://www.portomaravilha.com.br/web/esq/projEspeciais.aspx>

Mas a revitalização de uma região não é feita somente de grandes gestos arquitetônicos e urbanísticos. Segundo Jacobs ([1961] 2014), deve-se olhar mais para a "vida real" nas cidades, para suas particularidades, ao invés de apenas reproduzir "fórmulas de sucesso" prontas; há de se olhar também para os "fracassos" para entender as dinâmicas de um lugar. Portanto, com o intuito de promover uma nova imagem e identidade para a cidade, o projeto Porto Maravilha apresenta propostas para resgatar e valorizar a história e a diversidade cultural da/na Zona Portuária.

Dentre elas destacam-se: a celebração das tradições Afro-Brasileiras na Pedra do Sal (considerado o local de nascimento do samba) e adjacências; a revalorização do patrimônio cultural Africano e das ruínas arqueológicas locais; a renovação e restauro do patrimônio edificado no entorno; a criação de um Circuito Histórico e Arqueológico da Celebração da Herança Africana⁸ — um roteiro que inclui vários marcos importantes como a Pedra do Sal, os Cais do Valongo e da Imperatriz (onde navios negreiros atracavam), o Largo do Depósito (onde vendiam-se escravos), o Instituto dos Pretos Novos e o Centro Cultural José Bonifácio (onde relíquias arqueológicas estão expostas), etc.

8 Veja mapa ilustrativo com todos os pontos de interesse histórico que fazem parte do Circuito em <https://oglobo.globo.com/rio/pequena-africa-roteiro-em-homenagem-ao-continente-ganha-novas-atracoes-18964630>

Ver, também, material de divulgação do Circuito, elaborado pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, dentro do âmbito do projeto Porto Maravilha, em http://www.portomaravilha.com.br/fotos_videos/g/19

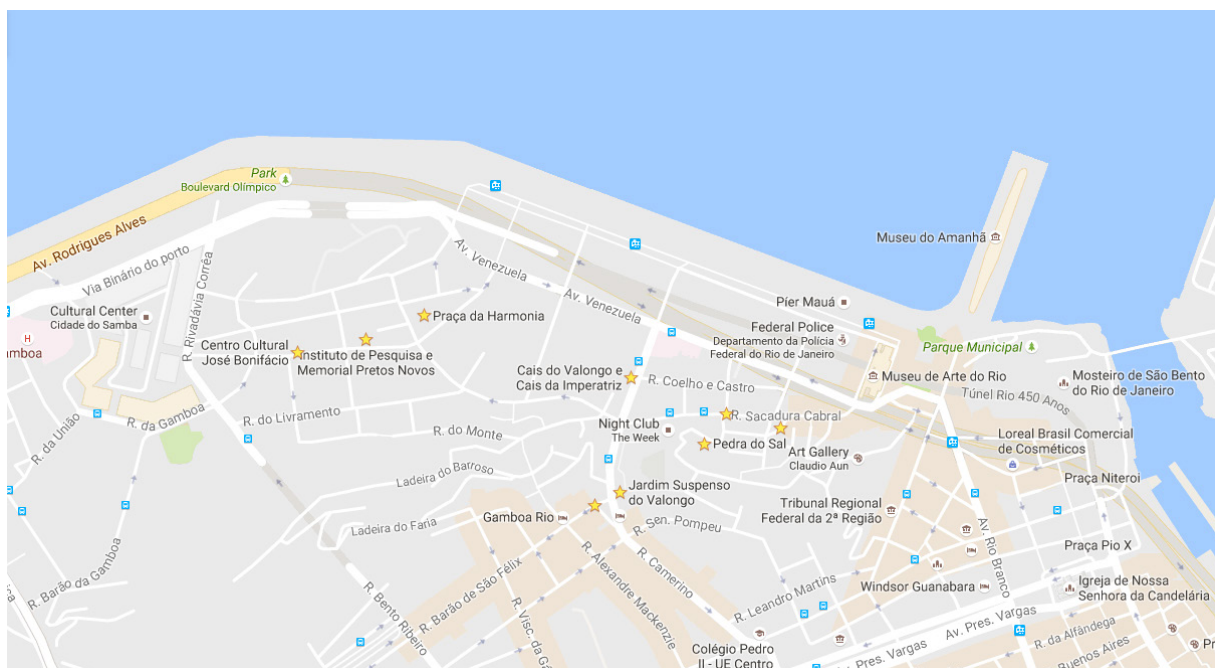


Figura 12
Alguns marcos da Herança Africana no centro do Rio
Fonte: <https://www.google.com.br/maps/@-22.8959148,-43.1874,17z>

Esta região é historicamente importante: foi aos pés do Morro do Castelo que a cidade foi fundada, em 1565. Nos séculos seguintes, a expansão territorial seguiu em direção aos Morros do Castelo, São Bento, Conceição,

Livramento, Providência e Santo Antônio – uma área que hoje compreende os bairros da Saúde, Santo Cristo, Gamboa e Centro. E com a chegada da Família Real Portuguesa, em 1808, a zona portuária ao redor do Cais do Valongo se consolidaria como grande entreposto comercial (de escravos, inclusive).



Figura 13
O processo de expansão do centro do Rio de Janeiro e a consolidação de seus bairros portuários
Fonte: <https://www.google.com.br/maps/@-22.9058285,-43.1928547,15z>

Conhecida como Pequena África, a área ao redor dos Morros da Providência, Livramento e Conceição ainda retém muito das suas características físicas e simbólicas originais e guarda uma parte significativa da história do Rio de Janeiro – construções centenárias, ruas de calçamento de pedra, igrejas e monumentos, peças arqueológicas e diversas comunidades Afro-descendentes conferem a este local seu *genius loci*, mantendo as tradições, culturas, ritos e celebrações vivas. Dentre as manifestações existentes na Pequena África, os blocos de carnaval Escravos da Mauá e Fala meu Louro; os desfiles do grupo Afoxés Filho de Gandhi; as reuniões musicais de choro e samba na Pedra do Sal e no Largo de São Francisco da Prainha; e a participação de ativistas sociais e empreendedores culturais simbolizam a efervescência cultural característica da área⁹. Estas manifestações, por sua vez, coexistem com formas mais “oficiais” de ocupação do espaço urbano como a Cidade do Samba, o Galpão Centro Cultural Ação da Cidadania, o Píer Mauá, o coletivo de artistas na Fábrica Bhering e estúdios de de-

⁹ Estas celebrações vêm sendo cada vez mais utilizadas como símbolos do processo de revitalização da Zona Portuária, fazendo parte, inclusive, do marketing “oficial” do projeto Porto Maravilha, produzido pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro – ver <http://www.portomaravilha.com.br/materias/e-o-premio/proj2.aspx> (Escravos da Mauá); http://portomaravilha.com.br/fotos_videos/g/46/pagina/3 (Filhos de Gandhi); http://www.portomaravilha.com.br/fotos_videos/g/46 (imagens em geral)

sign como o Goma e o Coletivo do Porto que, atraídos pelo discurso da "economia criativa" e reconfiguração da área, (re)descobriram a Zona Portuária mais recentemente.

A construção de uma "nova" imagem para uma velha parte da cidade – a "redescoberta" da herança Africana na Zona Portuária

A "turistificação" de lugares de interesse histórico e a "culturalização" das políticas públicas são dois fatores bastante relevantes no processo de transformação de sítios urbanos localizados em áreas (centrais) degradadas. Este processo conta ainda com intervenções físicas significativas como melhorias na infraestrutura e no transporte público; criação de áreas de comércio com lojas e serviços; reordenação do espaço urbano e, claro, a transformação física de edifícios históricos¹⁰. Entretanto, a ressignificação dos espaços não se dá apenas por processos de transformação física; há de se promover uma completa reestruturação da identidade do lugar – algo que não se consegue sem grandes investimentos, grandes projetos/eventos, campanhas de marketing incisivas, a apropriação de elementos característicos do lugar e, eventualmente, a ação de atores sociais (locais ou não) e o movimento de inserção da chamada "classe criativa" (outro nome dados aos "trendsetters" e/ou "gentrificadores").

¹⁰ Ver BIANCHINI, F.; PARKINSON, M (eds). *Cultural policy and urban regeneration*. Manchester: Manchester University Press, 1993 e Vaz, L. F. A 'Culturalização' do Planejamento e da Cidade in: *Cadernos PPG-AU/FAUBA*. Salvador: UFBA, 2004, pp 31-42

Se por um lado ritos, tradições e culturas locais resistem e se fazem visíveis por meio de manifestações espontâneas que, de certa forma, prezam pela sua história e pelas suas origens, por outro existe um grande interesse – por parte dos empreendedores sociais, do poder público, dos investidores – em transformar estas manifestações espontâneas em algo muito maior, para ser "consumido" como parte do processo de transformação (i.e. gentrificação) de áreas degradadas. Assim, há uma gradual apropriação e incorporação dos ritos, tradições, culturas e histórias locais como parte do discurso de "revitalização" do lugar – algo que se tornaria bastante emblemático nos anos 1980, com a crescente atuação de movimentos pró-preservação do patrimônio cultural e edificado. O discurso preservacionista da época era favorável a reconversão de edifícios históricos – geralmente localizados em áreas centrais – que, por sua vez, contribuíram para a criação de um novo capital (cultural) para as cidades. A transformação de sítios históricos em locais turísticos evidencia o consumo destes lugares como *commodities* culturais.

No caso da Zona Portuária do Rio de Janeiro, este movimento de transformação física e de ressignificação do lugar vem acontecendo, mais substancialmente, desde 2001, com o lançamento do Plano de Recuperação e Revitalização da Região Portuária do Rio de Janeiro. Os bairros que compõem a APA-SAGAS (Saúde, Gamboa, Santo Cristo) gradualmente começaram a sofrer intervenções mais significativas na preservação do seu patrimônio material e imaterial – edifícios históricos foram tombados, "reconvertidos" e modificados; espaços urbanos foram "revitalizados"; celebrações e ritos históricos foram "reconfigurados". Mas seria após a inauguração dos equipamentos culturais e urbanos, e da transformação da Praça Mauá e arredores em um polo de atração turística que aconteceria uma profunda ressignificação simbólica da Zona Portuária.

Segundo Guimarães (2014), a construção do imaginário coletivo pelas mídias reforçam o caráter cosmopolita e gentrificado da região pois, ao invés de retratarem a pobreza, a miséria, a violência, os morros e as favelas, as narrativas predominantes se utilizam dos ritos, das tradições, das histórias e culturas locais como atributos positivos e particulares (i.e. "exóticos") do lugar – o que, segundo as políticas patrimoniais e preservacionistas, poderiam ser transformados em commodities culturais. Assim, o entorno dos Morros da Conceição, do Livramento e da Providência passou a ter um constante fluxo de visitantes e turistas (cariocas ou não) atraídos pela "singularidade", pela "cultura", pela "efervescência" e pelo "mix" de gentes, de gostos, de credos, de usos e de atividades existentes ali.



Figuras 14 e 15

A "nova" Praça Mauá – vista do terraço do Museu de Arte do Rio, com o Museu do Amanhã ao fundo (esquerda) e vista da Praça, em direção ao Museu de Arte do Rio (direita)

Fonte: os autores



Figuras 16 e 17

O processo de revitalização urbana da Zona Portuária – o Boulevard Olímpico, próximo aos Armazéns do Pier Mauá (esquerda) e o Cais do Valongo e da Imperatriz, próximo ao Morro do Livramento (direita)

Fonte: os autores

Seguindo a lógica que mescla cultura e mega-eventos, estes ritos, tradições, culturas e histórias foram sendo incorporados aos discurso do projeto Porto Maravilha: são parte do grande patrimônio material e imaterial a ser preservado e explorado (i.e. consumido), sobretudo por turistas – mesmo que seja algo completamente independente e distante da proposta inicial de transformação física da região. Ainda como parte deste mesmo discurso (oficial, promovido pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro e por alguns órgãos governamentais), eventos de caráter “popular” e “erudito” acontecem paralelamente.

O ArtRua (“o maior evento de arte urbana da cidade”)¹¹ e a ArtRio (Feira Internacional de Arte e Cultura, que acontece nos galpões do Pier Mauá); o Circuito Favela Criativa (programação de shows, oficinas, apresentações, etc.. que reflete a diversidade da cultura produzida nas favelas cariocas) e o Distrito Criativo do Porto (iniciativa de empresas privadas da indústria criativa)¹²; os eventos na Pedra do Sal, no Largo São Francisco da Prainha, na Praça da Harmonia e no Galpão Centro Cultural Ação da Cidadania, dentre outros, ilustram a política de “boa-vizinhança”, onde elementos característicos do local são gradualmente apropriados pelos discursos oficiais e transformados em políticas públicas culturais e urbanas.

Na Fábrica Bhering, ateliers, estúdios, oficinas e “eventos criativos” são promovidos pelos “artistas-residentes”; já o Projeto Mauá no Morro da Conceição é um evento que abre as portas dos ateliers de artistas locais aos moradores e visitantes. Mesmo o Museu de Arte do Rio (MAR), um dos projetos-âncora para a revitalização da Zona Portuária, tem uma programação voltada para alunos da rede pública e moradores da região, além dos eventos realizados pela sua Escola do Olhar, que “(...) constituem um corpo de ação que mobiliza diferentes pesquisas, interesses e públicos”.¹³

¹¹<http://www.artrio.art.br/pt-br/noticias/art-rua-leva-arte-urbana-para-gamboa-0>

¹²[http://www.cidadeolimpica.com.br/um-porto-de-cultura-paratodos/;](http://www.cidadeolimpica.com.br/um-porto-de-cultura-paratodos/) [http://www.artrio.art.br/;](http://www.artrio.art.br/) [http://www.favelacriativa.rj.gov.br/;](http://www.favelacriativa.rj.gov.br/) <http://www.districtocriativo.com.br/>

¹³[http://www.cidadeolimpica.com.br/um-porto-de-cultura-paratodos/;](http://www.cidadeolimpica.com.br/um-porto-de-cultura-paratodos/) [http://www.artrio.art.br/;](http://www.artrio.art.br/) [http://www.favelacriativa.rj.gov.br/;](http://www.favelacriativa.rj.gov.br/) <http://www.districtocriativo.com.br/>



Figuras 18 e 19
Galpão Centro Cultural Ação da Cidadania – ArtRua 2015 (exterior e interior)
Fonte: os autores



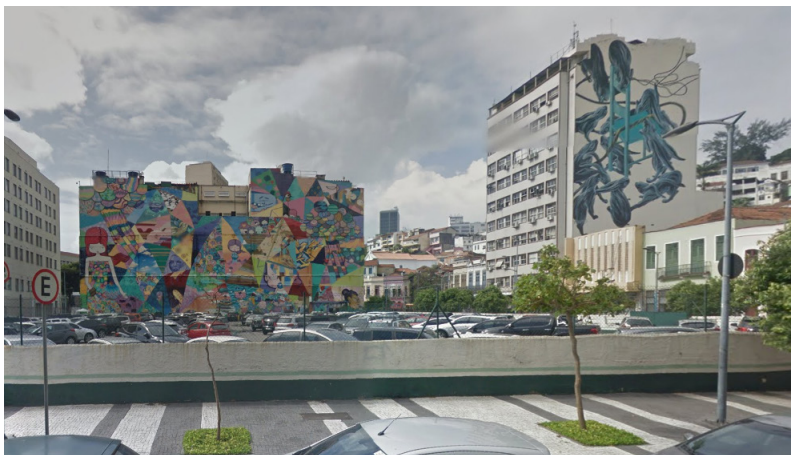
Figuras 20 e 21
Fábrica Bhering (exterior e interior – escultura Marcelo Jácome)
Fonte: os autores

Ainda que consideradas manifestações artísticas “marginais”, o grafite, a arte panfletária e instalações fotográficas, vídeo-arte, o teatro de rua, eventos de hip-hop, rap e funk, etc.. vêm sendo gradualmente incorporados ao discurso “regenerador” e turístico da cidade – sobretudo sob os rótulos “cidade criativa” (que explora atividades ligadas à moda, ao design, ao empreendedorismo, à arquitetura e às artes plásticas e visuais) e, evidentemente, “cidade olímpica”. A inauguração, em setembro de 2015, da instalação #CIDADEOLÍMPICA e de eventos como o Festival Visualismo Arte, Tecnologia e Cidade, na Praça Mauá, além da inauguração da Orla Prefeito Luiz Paulo Conde (grande entusiasta do processo de revitalização da região)¹⁴ marcaram o início da nova fase da Zona Portuária como um espaço público “revitalizado”, “inclusivo” e certamente mais midiático.

¹⁴ Os trechos da orla, entre o 10º Distrito Naval e a Praça Mauá, foram inaugurados em abril de 2016, e entre os Armazéns 1-6, em maio de 2016. O trecho que vai do Pier do Armazém 8 ao Museu Histórico Nacional, na Praça XV, foi inaugurado em agosto 2016 para as Olimpíadas Rio-2016. (<http://portomaravilha.com.br/noticiasdetalhe/4522>; http://www.portomaravilha.com.br/fotos_videos/g/15)



Figura 22
Escultura #CIDADEOLÍMPICA na Praça Mauá (Museu do Amanhã ao fundo)
Fonte: os autores



Figuras 23, 24 e 25
Grafites – mural "Etnias", autoria Kobra, no Boulevard Olímpico (acima à esquerda); painel, autoria JR, na escadaria do Morro da Providência (acima à direita); murais, autoria Toz (abaixo, à esquerda) e Pantónio (abaixo, à direita) em empenas cegas vistas da Rua Argemiro Bulcão, esquina com Rua Sacadura Cabral, na Gamboa
Fonte: os autores

Formas de participação da coletividade na adoção e posterior organização de espaços inusitados podem ser instrumentos efetivos e fundamentais para produção de ambientes públicos qualificados; rituais são instrumentos de afirmação e consolidação da memória coletiva. Neste processo de busca de concretude, espaços e elementos físicos costumam ser incorporados aos rituais, criando a possibilidade de sofisticação e impregnação de novas simbologias. Segundo Nora (1993, p 9), "(...) a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga à continuidades temporais, às evoluções, e às relações das coisas. A memória é o absoluto e a história o relativo". Como marcos referenciais da história de um determinado grupo, os "lugares de memória" são fragmentos, com forte importância simbólica, que servem como suporte à manutenção de uma identidade. Este sentimento ajuda a reunir indivíduos com passagens históricas comuns, criando e fortalecendo uma aliança indelével suportada por símbolos potentes. Mas como lidar com a memória de um lugar, de uma sociedade, tendo em vista o constante processo de resignificação dos espaços e recriação de identidades que levam a um gradual esquecimento do que/de quem realmente somos?

Conclusão

Processos de reinvenção de identidades têm sido adotados não somente para revitalizar áreas urbanas, com novas arquiteturas e novos usos, mas também como parte de estratégias para atrair maiores investimentos e novas "tribos" urbanas, de forma a mudar o perfil socioeconômico de áreas degradadas. O foco destas políticas de regeneração urbana é variável, oscilando entre a adoção de práticas essencialmente comerciais e outras de cunho cultural/educacional – ainda que ambas possam ser direcionadas pela lógica do lucro e do consumo. Assim, pode-se dizer que as intervenções planejadas para o Rio de Janeiro desde a década de 1980 tiveram um caráter ambivalente, ora privilegiando o comércio per se (rendendo-se às forças do capital), ora privilegiando a cultura (rendendo-se, por vezes, ao consumo de produtos culturais).

Neste sentido, a transformação física e simbólica do espaço urbano, além da apropriação das tradições e do patrimônio material e imaterial da região, fazem parte do grande discurso de regeneração da Zona Portuária – obviamente tendo em vista mega-eventos como os Jogos Pan-Americanos de 2007, a Copa do Mundo FIFA de 2014, e os Jogos Olímpicos de 2016. Entretanto, ainda que algumas ações planejadas aqui

apresentadas incluem a (re)valorização e a (re)descoberta da cultural local, elas se limitam a uma exploração destes elementos como bens de consumo – pouco contribuindo, por ora, no entendimento das dinâmicas, das relações sociais e dos processos históricos e simbólicos ali existentes¹⁵. E se tratando de políticas públicas de grande alcance – sobretudo considerando o projeto de revalorização fundiária da região –, era de se esperar que os projetos de intervenção urbana propostos, particularmente para a Zona Portuária do Rio de Janeiro, fossem além da espetacularidade das arquiteturas e da temporalidade dos mega-eventos.

¹⁵ Salvo, talvez, por iniciativas como a do Instituto dos Pretos Novos, na Gamboa, que oferece cursos sobre a diáspora e herança Africana e seus desdobramentos na formação da identidade carioca (ver <http://www.cidadeolimpica.rio/noticia/cursos-gratuitos-sobre-a-cultura-africana-na-zona-portuaria/>)

A ideia de ressignificação é um dos efeitos do mundo líquido de Bauman (2001), onde a fluidez permanente das coisas e de suas histórias, de sentidos e significados tendem a exigir novos espaços de importância – que, de forma geral, levam à criação de novas possibilidades de exploração cultural e econômica. Por analogia, esta constante ressignificação de lugares, de cidades, de culturas é semelhante à ideia de destruição criadora de Schumpeter (1961), onde novas lógicas (industriais e paradigmáticas) surgem de tempos em tempos e passam a dominar as anteriores. Porém, o que está em jogo aqui é a possibilidade de extinção ou alteração drástica de estruturas simbólicas, históricas e culturais pré-existentes.

Portanto, a inserção de atividades e espaços "revitalizados" num plano maior e mais complexo, como o das Olimpíadas Rio-2016, reforça o sentido de explorar a "imagem" da cidade como parte da festa – se esquecendo, talvez, que a cidade e a rotina das pessoas têm sobrevivido maior que a duração destes eventos. A dúvida que fica é: será que o patrimônio histórico material e imaterial sofrerá uma reformulação de suas características mais significativas, transformando-se em pastiche, em bem de consumo, de forma a atender apenas aos anseios consumistas e imediatistas, ao invés de promover uma real "regeneração" do tecido urbano-social e celebrar a diversidade cultural da área?

Como Jacobs ([1961] 2014, p 5) pondera, "(...) as cidades são um imenso laboratório de tentativa e erro, fracasso e sucesso, em termos de construção e desenho urbano. É nesse laboratório que o planejamento urbano deveria aprender, elaborar e testar suas teorias". Talvez seja melhor se deter mais no entendimento de quais seriam as particularidades, as dinâmicas, as potências e carências do lugar, ao invés de se pautar apenas nas imagens (fabricadas) das cidades "cosmopolitas", "inteligentes", "criativas", "perfeitas".

Referências

- ABREU, M. A. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPLANRIO, 1997
- BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001
- BERENSTEIN, P. J. Espetacularização Urbana Contemporânea in: *Cadernos PPG-AU/ FAU-BA*. Salvador: UFBA, 2004, pp 23-29
- BIANCHINI, F.; PARKINSON, M. (eds). *Cultural Policy and Urban Regeneration*. Manchester: Manchester University Press, 1993
- CARDOSO, E. D.; VAZ, L. F.; ALBERNAZ, M. P.; PECHMAN, R. M. *História dos Bairros. Saúde, Gamboa, Santo Cristo – zona portuária*. Rio de Janeiro: João Fortes Engenharia/ Editora Index, 1987
- DA ROCHA, A. B.; REIS, P. The gentrified version of the Bossa-Nova dream – the process of change of the beach environment in Rio de Janeiro in: *Resorting to the Coast: Tourism, Heritage and Cultures of the Seaside Proceedings*. Leeds Metropolitan University, Centre for Tourism and Cultural Change, UK (digital media – ISBN: 978-1907240027)
- DA ROCHA, A. B.; REIS, P. Culture as a mega-event – how do heritage and local identity fit in the cosmopolitan image of the city? in COOPER, F.; GREENE, M.; MACHADO, D. P.; SCHEERLINCK, K.; SCHOOLJANS, Y. *ADU2020 Creative Adjacencies*. Ghent: Faculty of Architecture KU Leven; Facultad de Arquitectura, Diseño y Estudios Urbanos, PUC-Chile, 2014, pp 285-295
- EGLER, T. T. C. Políticas globais e resistência social na Zona portuária in: *Anais do XI Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional – ANPUR*, Salvador, 2005 (<http://www.xienanpur.ufba.br/664.pdf>)
- GIANNELLA, L. C. A produção histórica do espaço portuário da cidade do Rio de Janeiro e o projeto Porto Maravilha in: *Espaço e Economia*, 3, 19 dezembro 2013 (<http://espacoeconomia.revues.org/445>)
- GUIMARÃES, R. S. *A utopia da Pequena África: projetos urbanísticos, patrimônios e conflitos na Zona Portuária*. Rio de Janeiro: FAPERJ/ FGV editora, 2014
- HARVEY, D. *The condition of postmodernity: an enquiry into the origins of cultural change*. London: Blackwell, 1989
- IPLANRIO. *Plano de Desenvolvimento Urbano da Retaguarda do Porto do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Planave S. A., 1989
- JACOBS, J. *Morte e vida nas grandes cidades*. São Paulo: WMF. Martins Fontes, 2014
- LEFEBVRE, H. *La production de l'espace*. Paris: Anthropos [1974], 2000
- LEFEBVRE, H. *Le droit à la ville*. Paris: Ed. du Seuil, 1968
- LOFTMAN, P.; NEVIN, B. Prestige Projects, City Centre Restructuring and Social Exclusion: taking the long-term view in MILES, M.; HALL, T. *Urban Futures: critical commentaries on shaping cities*. London: Routledge, 2001, pp 76-91
- MOREIRA, C. C. *A cidade contemporânea entre a tábula rasa e a preservação: cenários para o porto do Rio de Janeiro*. São Paulo: Unesp, 2004
- MARSHALL, R. (ed). *Waterfronts in Post-industrial Cities*. London: Spoon Press, 2001
- NORA, P. *Les lieux de mémoire*, v 1, Paris: Gallimard, 1984
- PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. *Porto do Rio: Plano de Recuperação e Revitalização da Região Portuária do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos, 2001

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. Plano Diretor Decenal de 1992: subsídios para sua revisão in: *Coleção Estudos Cariocas*. Rio de Janeiro: IPP e SMU, nº 2005/203, dez 2005 (www.armazemdedados.rio.rj.gov.br)

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. *Relatório de Revisão do Plano Decenal da Cidade*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Urbanismo, Coordenadoria Geral de Planejamento Urbano, dez 2008

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. *Plano Estratégico da Cidade do Rio de Janeiro*. Rio Sempre Rio. Rio de Janeiro: PCRJ/ ACRJ/ FIRJAN, 1996

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. *Programa Favela-Bairro*. Secretaria Municipal de Habitação/ IplanRio/ Rio de Janeiro: PCRJ, maio 1996

RIOARTE/ IPLANRIO. *Corredor Cultural: como recuperar, reformar ou construir seu imóvel*. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1985

SANT'ANNA. A. R. *Desconstruir Duchamp: arte na hora da revisão*. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2003

SCHUMPETER, J. *Capitalismo, socialismo e democracia*. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1961

VAZ, L. F. A 'Culturalização' do Planejamento e da Cidade in: *Cadernos PPG-AU/ FAUBA*. Salvador: UFBA, 2004, pp 31-42

ZUKIN, S. Socio-Spatial Prototypes of a New Organization of Consumption: the role of Real Cultural Capital in: *Sociology*, vol 23, nº 1, February 1990, pp 37-56